

RELATO DE EXPERIÊNCIA

CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DE ANTONIO GRAMSCI AO PENSAMENTO EDUCACIONAL BRASILEIRO

Adair Angelo Dalarosa¹

RESUMO: Este texto foi escrito como subsídio ao curso: Introdução à leitura da obra de Antonio Gramsci, ministrado na Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, Minas Gerais. O curso foi desenvolvido em torno das seguintes temáticas: breve biografia de Antonio Gramsci; a obra de Antonio Gramsci; Antonio Gramsci, a política e a educação. Para isso, utilizamos as obras de Gramsci e textos de estudiosos que nos auxiliam para conhecer a própria obra, o contexto em que ela foi produzida e o seu alcance no meio acadêmico e político. Não se trata de um estudo exaustivo, que busque esgotar as questões acima citadas. Há muitíssimos estudos que já trataram disso e muitos deles disponíveis em português. Ao relatar a experiência da realização do curso, objetivamos facilitar o acesso à obra de Gramsci, indicando os primeiros passos e leituras aos que desejarem abraçar a causa do estudo deste autor. Desse modo, além da contextualização da vida e obra de Gramsci o texto demonstra a relação entre educação e política como uma das características da teoria gramsciana.

Palavras-chave: Filosofia. Política. Educação.

CONTRIBUTIONS FROM ANTONIO GRAMSCI'S THEORY TO BRAZILIAN EDUCATIONAL THINKING

ABSTRACT: This text was written as a subsidy to the course: introduction to reading Antonio Gramsci's work, taught at the University Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, Minas Gerais. The course was developed around the following theme: brief biography of Antonio Gramsci; Antonio Gramsci's work; Antonio Gramsci, politics and education. For this, we use the works of Gramsci and texts of scholars who help us to know the work itself, the context in which it was produced and the reach of it in the academic and political milieu. This is not an exhaustive study which seeks to deplete the above-mentioned questions. There are many studies that have dealt with this and many of them available in Portuguese. By reporting the experience of the course, we aim to facilitate access to the work of Gramsci by taking the first steps and indicating readings to those who wish to embrace the cause of the study of this author. Thus, in addition to the contextualization of

¹ Doutor em Educação. Professor Associado na Universidade Estadual do Centroeste do Paraná (UNICENTRO) - Guarapuava. Guarapuava-PR/Brasil. e-mail: adairdalarosa@hotmail.com

Gramsci's life and work, the text demonstrates the relationship between education and politics as one of the characteristics of Gramsci's theory.

Keywords: Philosophy. Politics. Education.

CONTRIBUCIONES DE LA TEORÍA DE ANTONIO GRAMSCI AL PENSAMIENTO EDUCATIVO BRASILEÑO

RESUMEN: Este texto fue escrito como subsidio al curso: Introducción a la lectura de la obra de Antonio Gramsci, impartido en la Universidad Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, Minas Gerais. El curso fue desarrollado en torno a la siguiente temática: breve biografía de Antonio Gramsci; la obra de Antonio Gramsci; Antonio Gramsci, la política y la educación. Para eso, utilizamos las obras de Gramsci y textos de estudiosos que nos auxilian a conocer la propia obra, el contexto en el que fue producida y el alcance de la misma en el medio académico y político. No se trata de un estudio exhaustivo, que busque agotar las cuestiones anteriormente mencionadas. Hay muchos estudios que lo han tratado y muchos de ellos disponibles en portugués. Al relatar la experiencia de la realización del curso, pretendemos facilitar el acceso a la obra de Gramsci indicando los primeros pasos y lecturas a los que deseen abrazar la causa del estudio de este autor. De ese modo, además de la contextualización de la vida y obra de Gramsci el texto demuestra la relación entre educación y política como una de las características de la teoría gramsciana.

Palabras clave: Filosofía. Política. Educación.

Introdução

Este texto foi escrito como subsídio ao curso: Introdução à leitura da obra de Antonio Gramsci, ministrado como parte da programação do 3º SEMINÁRIO DE PRODUÇÃO ACADÊMICA: Perspectivas da Pesquisa em Educação no Brasil, realizado nos dias 25 e 26 de abril de 2017, na Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, Pouso Alegre, Minas Gerais. O curso foi dirigido ao público acadêmico, alunos da graduação, pós-Graduação, pesquisadores e docentes com interesse em conhecer a obra e o pensamento do filósofo Antonio Gramsci. De caráter introdutório, o curso foi desenvolvido em torno da seguinte temática: I) breve biografia de Antonio Gramsci; II) a obra de Antonio Gramsci; III) Antonio Gramsci, a política e a educação.

Diante da característica do curso, apresentamos o pensamento e a obra do autor, conforme a produção já disponível no Brasil e na Itália. Para isso, utilizamos as obras de

Gramsci e textos de estudiosos que nos auxiliam para conhecer a própria obra, o contexto em que ela foi produzida e o alcance da mesma no meio acadêmico e político.

Cientes da complexidade da teoria e da produção acerca dos escritos de Gramsci, comungamos da ideia de Anglani (2007) ao afirmar que,

Se si pensa poi che lo studioso ´integrale´di Gramsci dovrebbe saper controllare um vasto numero de discipline, dalla storia all´economia, dal diritto all´estetica, dalla filosofia all´ética, non sara offensivo per chicchessia supporre solo una mínima percentuale degli studiosi gramsciani pii accreditati, perfino tra quelli che al nostro autore hanno dedicato grandissima parte dela loro vita, sai in grado di padroneggiare quella bibliografia (ANGLANI, 2007, p. XI).

Sobre o volume de escritos sobre a obra de Gramsci, o autor afirma ser impossível a um leitor poder ler tudo o que foi escrito. Diz ele,

Se si pensa che, quand´anche “uno spirito servizievole” accumulasse “pian piano e metodicamente, volume dopo volume”, i titoli dela bibliografia sulla scrivania del critico, e quand´anche quel lettore, “ strenuo fino al masochismo”, fosse “ disposto a sacrificare i propri soni e il próprio vivere associato per leggere almeno trecento pagine al giorno (e che pagine!)”, gli ci vorrebbero “ non meno di quindici o vent´anni per esaurire tutta quella mole”: senza tener conto che nel frattempo come nella parábola di Achille e dela tartaruga, “la critica si sarebbe ulteriormente arricchita” e il lavoro del critico sarebbe divenuto interminabile (ANGLANI, 2007, p. XII).

Não se trata, portanto, de um estudo exaustivo da obra de Gramsci e da produção correlata. Há muitíssimos estudos que já trataram disso e muitos deles estão disponíveis em português. Nosso objetivo é facilitar o acesso à obra de Gramsci, indicando os primeiros passos e leituras aos que desejarem abraçar a causa do estudo deste autor.

Antonio Gramsci: vida e obra

Antonio Gramsci nasceu logo após a Unificação da Itália, na pequena cidade de Ales, na província de Cagliari, Ilha da Sardenha, em 22 de janeiro de 1891. É o quarto dos sete filhos de Francisco Gramsci e Giuseppina Marcias.

Uma questão importante a fazer é: qual era a realidade política e econômica da Itália naquele período? Na segunda metade do século XIX, a Península Itálica ainda não constituía um Estado unitário com as características do Estado Moderno. O território que hoje forma a

Itália era composto por vários reinos, os Estados independentes. Por determinação do Congresso de Viena (1814-1815), os atuais territórios da Itália e da Alemanha foram divididos em diversos Estados dominados por estrangeiros. Tal divisão provocou reação da população das diferentes regiões o que levou ao fortalecimento de movimentos nacionalistas com o intuito de transformar aquelas “nações” em Estados nacionais independentes.

O que atualmente forma o Estado italiano, à época, fora dividido em pequenos Estados sendo: Reino Sardo-Piemontese, autônomo e soberano, governado por uma dinastia italiana; Reino Lombardo-Veneziano, governado pela Áustria; Ducados de Parma, Módena e Toscana, governados por duques subservientes à Áustria; Estados pontifícios, governados pelo Papa; Reino das Duas Sicílias, governado pela dinastia de Bourbon (SABBATUCCI; VIDOTTO, 2011).

Alguns desses reinos eram governados de forma autoritária por famílias reais da Áustria e da França, além do grande poder político que a Igreja Católica exercia em algumas regiões. Isso significa que não havia unificação de leis, moeda, língua e sistema político. Portanto, ainda não havia um país com a Itália após a unificação.

As primeiras tentativas de libertação do território italiano foi uma organização revolucionária chamada de Jovem Itália, liderada por Giuseppe Mazzini, republicano que defendia a independência e a transformação da Itália numa república democrática. Após várias disputas com a Áustria, a unificação italiana passou a ser liderada pelo Reino Sardo-Piemontez. Cavour, um dos líderes do Risorgimento, representava todos os que desejavam a unificação. Para isso, Cavour teve o apoio da burguesia e dos proprietários rurais e colocou em prática um plano de modernização da economia e do exército do Piemonte, aproximou-se da França e conseguiu ajuda militar para enfrentar a Áustria forçando-a a entregar o Reino (ROSSI, 1972).

A região norte da Península Itálica, principalmente o reino de Piemonte-Sardenha, era muito mais desenvolvida do que o centro e o sul. Interessava à nobreza e, principalmente, à burguesia industrial que ocorresse a unificação, pois assim aumentaria o mercado consumidor, além de facilitar o comércio com a unificação de padrões, impostos, moeda etc. Portanto, o movimento de unificação teve início e foi liderado pelo reino de Piemonte-Sardenha.

Em 1859, com o apoio de movimentos populares, liderados por Giuseppe Garibaldi, e de tropas francesas, os piemonteses entraram em guerra contra o Império Áustro-Húngaro. Vencedores, os piemonteses conquistaram o Reino da Lombardia. Foi o primeiro passo em direção à unificação. No ano seguinte, com apoio de movimentos populares, ocorreu a anexação ao Piemonte dos Reinos papais de Parma, Modena, Romagna e Toscana. Ainda em 1860, tropas piemontesas e os "camisas vermelhas", liderados por Garibaldi, incorporam o reino das Duas Sicílias (Sul da Península Itálica). Em 1861, os Estados Pontifícios, governados pela Igreja Católica, foram anexados à Alta Itália. Formou-se assim o Reino da Itália, que teve como primeiro rei Vitor Emanuel II. No ano de 1866, os italianos, com apoio da Prússia, anexaram o Reino de Veneza que até então era governado pelos austríacos. Faltava apenas anexar Roma à capital do Estado da Igreja Católica. Nessa época, Roma era muito bem protegida por militares da França. Porém, em 1870, a França entrou em guerra contra a Prússia, ocasião em que as tropas francesas instaladas em Roma foram convocadas para a guerra. Sem a proteção militar francesa, os italianos conquistaram a cidade, transformando-a na capital da Itália, que teve sua unificação concluída (CARTIGLIA, 1985).

Essa breve retrospectiva histórica é necessária porque não se pode explicar a unificação da Itália sem explicar o movimento que, no país, recebeu o nome de Risorgimento. Gramsci se refere a esse contexto em várias passagens de sua obra, em especial no Caderno 19, no qual afirma que o Risorgimento italiano foi um movimento capaz de, na Itália, expressar o que foi a Revolução burguesa na Europa. Diz Gramsci: “do ponto de vista europeu, trata-se da Era da Revolução Francesa e não do Risorgimento italiano, do liberalismo como concepção geral da vida e como nova forma de civilização estatal e de cultura, e não só do aspecto “nacional” do liberalismo” (GRAMSCI, 2002, p. 15). Portanto, não é a Itália isolada que se transforma, mas é a Europa em transformação no contexto da revolução burguesa.

as origens do movimento do Risorgimento, isto é, do processo de formação das condições e das relações internacionais que permitirão à Itália unir-se em nação e às forças nacionais desenvolverem-se e expandirem-se, não devem ser buscadas neste ou naquele evento concreto registrado numa ou noutra data, mas precisamente no mesmo processo histórico pelo qual o conjunto do sistema europeu se transforma” (GRAMSCI, 2002, p. 17).

É certo que a unificação não pôs fim imediato às contradições sociais existentes, em especial à diferença Norte Sul. O país se encontrava mergulhado numa profunda pobreza e com problemas sociais de toda ordem. O Norte industrializado e com agricultura e pecuária desenvolvidas nas quais já se utilizava modernas técnicas de cultivo. Nas regiões central e Sul da Itália, a economia se baseava na pequena produção agrícola familiar e, ao Sul e nas ilhas, uma enorme situação de pobreza.

Quella dela Sicilia e di molte zone del Mezzogiorno era senza dubbio una situazione-limite. Ma anche nel resto d'Italia L'autoconsumo e li scambio in natura rappresentavano, al momento dell'unità, una realtà largamente diffusa. Tutto Ció si rifletteva nel bassissimo livello di vita dela popolazione rurale. I contadini italiani, nella loro grande maggioranza, vivevano ai limiti dela sussistenza física. Si nutrivano quase esclusivamente di pabe (pelo piu non di frumento, m adi cereali "inferior" come granturco, avena e segale) e di pochi legume: andavano quindi soggetti alle malattie da denutrizione, prima fra tutte la pelagra. Vivevano, soprattutto nel Sud, amucchiai in abitazioni piccole e malsane, non d irado in capanne o in caverne che spesso servivano da demora anche per gli animalli (SABBATUCCI; VIDOTTO, 2011, p. 140).

A Sardenha tinha sido subordinada ao Reino Sardo-piemontese e com sua economia baseada na agricultura e mineração. Na Sardenha, a realidade social era bastante precária, com agricultura rudimentar, mineração e exploração estrangeira. É nesse contexto que nasce Antonio Gramsci e, convivendo com as contradições sociais de sua época, além das precárias condições de vida por que passa a família naquele período, é que Gramsci forma sua "consciência de classe". No item que segue, fazemos uma breve retrospectiva da família Gramsci para contextualizar sua vida e obra.

A Família Gramsci

Diz Fiori (1994), em seus escritos, afirma que circulou ao longo do pós-Guerra, como sugeriam as exigências da propaganda de então, a imagem de um Gramsci de humilde origem camponesa. Inicialmente, o próprio Togliatti, no retrato escrito logo após sua morte "I capo dela classe operária italiana, em "lo Stato Operaio", nn. 5-6, maggio-giugno, 1937, a qualificá-lo, citado textualmente, "figlio de contadini poveri". Na verdade, Gramsci pertencia a uma família de boas condições - proveniente do principado de Gramsh, no sudoeste da Albânia, mas na Itália, já com inúmeras gerações, com estabelecimentos sucessivos na Calábria, e na

Campania: o trisavô Genaro Gramsci, o bisavô Don Nicola, de 1769, e o avô Don Genaro, de 1810, nasceram em Plataci, comunidade arbëresh aos pés da Sparviere, na Calábria Citra, distrito de Castrovilar.

Don Nicola, era militar chefe do Regimento Príncipe Leopoldo, o Filho, Don Genaro, militar oficial da polícia borbonica, posteriormente foi promovido à real infantaria militar. Residente em Gaeta, onde permaneceu toda a vida, conheceu dona Tereza Gonzales, filha de um eminente advogado napolitano com quem se casou em 1850. Tiveram cinco filhos, todos estudaram e foram bem-sucedidos. A única filha casou-se com um rico senhor de Gaeta. O mais velho tornou-se funcionário da Fazenda. Outro seguiu carreira como inspetor geral da companhia ferroviária. Um terceiro, trabalhou como oficial de carreira. O último, de 1860, Francisco, era estudante.

Em 1873, morreu o avô, Genaro Gramsci. Francesco, pai de Antonio Gramsci, não completara ainda 13 anos. Contudo, não interrompeu os estudos. A mãe o ajudou e concluiu o Ensino Médio e ingressou no curso de Direito. Aos 21 anos, ainda não licenciado, passou a viver independente da família e, em 1881, aprovado em concurso público, deixou Gaeta e passou a residir na Sardenha. Foi enviado a Gularza, sobre o altiplano de Barigadu, Sardenha Central. Dirigiu o Cartório da cidade, uma atividade de destaque. Dois anos depois, casou-se com Pepina Marcias. Nasceu Genaro (1884). A família foi transferida para a sede de Ales, onde nasceram outros três filhos: Grazietta (1887), Emma (1889), Antonio, familiarmente Nino, (22 de janeiro de 1891), batizado sete dias após nascido. Novamente mudaram de cidade, desta vez para Sörgano e a família aumentou com o nascimento de Mário, em 1893, de Terezinha, em 1895 e de Carlo, em 1897. O último nascido estava ainda “em faixas” quando os Gramsci retornaram, não por escolha própria, a Guilarza. Motivados por uma rivalidade política local os inspetores descobriram no cartório um pequeno defeito. Francisco foi suspenso do emprego. Aos 9 de agosto de 1898, foi preso, sob acusação de peculato, extorsão e falsidade em ato: isto significou uma condenação de cinco anos, oito meses e vinte dias.

Antonio tem sete anos. O drama lhe é mantido em segredo, mas é impossível que de meia palavra dita com descuido, de uma alusão, de frases ditas ao vento, também uma criança não chegue as razões reais de um distanciamento tão longo e estranho. Ao pequeno Nino a verdade do pai encarcerado se revela ao pior modo, por zombaria de crianças. Ficou abalado. Sofre um trauma que o acompanhará por toda sua vida, finalmente,

influenciará suas referências ao pai: incompreensão, aspereza, longo silêncio. Confessará na vida adulta: se minha mãe soubesse que eu conheço tudo o que conheço e que aqueles acontecimentos têm me deixado cicatrizes, lhe envenenaria esses anos de vida” (FIORI, 2008, p. 24).

Após concluir o curso primário (1902), ainda com 11 anos de idade, e devido às dificuldades financeiras por que passava a família, Gramsci foi forçado a deixar os estudos e ter que trabalhar no Cartório da cidade. “Em 1900, com apenas 16 anos, Genaro, irmão de Antonio Gramsci, foi o primeiro da família a possuir uma ocupação e com isto auxiliar, ainda que modestamente, às escassas finanças familiares” (FIORI, 2008, p. 28).

A irmã de Antonio Gramsci, Terezinha, fala da situação de pobreza por que passou a família após a prisão do pai.

Vivíamos numa grande pobreza – conta Terezinha – [Irmã de Antonio Gramsci]. Mamãe era uma senhora tenaz, ainda cheia de energia e decidida a lutar contra a crise. Mas por mais que fosse incansável no serviço, sete filhos são sete filhos, e a casa, mal apenas dispúnhamos do dinheiro que conseguimos com a venda do pouco de terras herdadas da família, sobreviver era uma tarefa cada vez mais difícil. Economizávamos de maneira inacreditável. Lembro que, ainda criança, Grazietta, Emma e eu recolhíamos a cera das velas já consumidas, fabricávamos outras pequenas, de modo que Nino pudesse ler também à noite” (FIORI, 2008, p. 28).

Desde muito jovem, Gramsci teve contato com o mundo do trabalho e com as contradições e lutas sociais que a ordem capitalista impunha.

Antonio Gramsci tinha treze anos e, concluído a um ano a escola elementar, permanecia em Guilarza a ‘arrastar registros’ no cartório quando, em setembro de 1904, em Bugerru, grande centro de mineração na costa Sul-Occidental da Sardenha, as tropas dispararam contra os operários em greve, matando três. Era o primeiro confronto violento da longa crise iniciada (ou cuja ênfase havia iniciado) aproximadamente uma quinzena de anos anteriores (FIORI, 2008, p. 33).

Em 1905, Antonio Gramsci, com 14 anos, retomou os estudos para concluir o ginásio e iniciou a leitura da imprensa socialista, em especial do Avanti enviado pelo irmão mais velho Genaro que prestava serviço militar em Turim. Entre 1908 e 1911, concluiu o ginásio em Oristono e ingressou no curso ginásial em Cagliari, morando com o irmão Genaro que era secretário do Partido socialista italiano. “Gramsci frequenta o movimento socialista e participa ativamente dos grupos juvenis que discutem os problemas econômicos e sociais da Sardenha.

Manifesta-se nele um profundo sentimento de rebelião contra os ricos, marcado pelo orgulho regionalista” (GRAMSCI, 1999, p. 50).

Gramsci inicia sua militância política na imprensa socialista publicando o primeiro artigo no jornal L'Unione Sarda. Remontam também a esses anos suas primeiras leituras de Marx, feitas – como ele dirá depois – “por curiosidade intelectual”. Durante as férias, para ajudar nos gastos com a escola, faz trabalhos de contabilidade e dá lições particulares” (GRAMSCI, 1999, p. 50).

Em 1911, Antonio Gramsci recebeu uma bolsa de estudos de dez meses e iniciou o curso de Letras na faculdade de Turim para onde seguiu também Palmiro Togliatti, tornando-se mais tarde seu colega de estudos. Morou por algum tempo com Ângelo Tasca, companheiro de estudos e dirigente do movimento juvenil socialista. Viveu em condições bastante difíceis, seja por problemas econômicos, seja por problemas de saúde. Entre 1912 e 1913, Gramsci frequentou vários cursos na universidade de Turim entre os quais Literatura Italiana, Direito, fez pesquisa sobre o dialeto sardo, entre outros estudos. Por motivos de saúde, não conseguiu prestar nenhum exame. Mesmo assim continuou na militância e nos estudos aderindo a movimentos contrários à ordem estabelecida.

Estando em Guilarza, Gramsci adere ao ‘grupo de ação e propaganda antiprotecionista’, adesão registrada em La Voce, de 9 de outubro. Assiste na Sardenha à campanha eleitoral para as primeiras eleições italianas realizadas com sufrágio universal. Nos meses subsequentes, estabelece o primeiro contato com o movimento socialista de Turim, em particular com sua seção juvenil (GRAMSCI, 1999, p. 51).

Gramsci leu assiduamente La Voce e L'Unità e se pôs ao lado dos grupos mais radicais de operários e estudantes que formaram em Turim a fração da esquerda revolucionária. Em outubro de 1914, Gramsci “intervém no debate sobre a posição do PSI diante da guerra, com o artigo *Neutralidade ativa e operante* (Il Grido Del Popolo, 31 de outubro), polemizando com o amigo Ângelo Tasca, que era favorável à ‘Neutralidade Absoluta’”. Em 1915, abandonou os estudos na universidade e seguiu escrevendo no Il Grido Del Popolo, semanário socialista, e, em dezembro do mesmo ano, passou a fazer parte da redação turinense do Avanti, o cotidiano do PSI.

A partir de 1916, dedicou-se à intensa atividade jornalística, principalmente na coluna “Soto La mole” do Avanti, tendo como um dos principais alvos a retórica nacionalista. Em

1917, “quando ainda era (como dirá depois nos Cadernos) ‘sobretudo tendencialmente crociano’, organizou e redigiu o número único de *La Citá Futura*, uma publicação da Federação Juvenil Socialista do Piemonte, na qual publicou os artigos ‘Três princípios, três ordens’, ‘Indiferentes’, ‘A disciplina’ e ‘Margens’, bem como escritos de Benedetto Croce e Salvemini”. Tornou-se secretário da comissão executiva provisória da seção turinense do PSI e assumiu a direção de *Il Grido Del Popolo*.

Em seus escritos, Gramsci fez referência contínua a Lenin, Marx e à Revolução Russa, escrevendo, em dezembro de 1918, tratou da tomada do poder na Rússia pelos bolcheviques no artigo “A Revolução contra o Capital”, publicado no *Avanti* de Milão em 24 de dezembro. Também escreveu polemizando com companheiros de luta sobre a vertente reformista do movimento socialista. Assumiu, em 1921, a direção do jornal *L’Ordine Nuovo*, nome dado à edição turinense do *Avanti*.

Em 1919, juntamente com Ângelo Tasca, Umberto Terracini, Palmiro Togliatti fundou o periódico semanal *L’Ordine Nuovo*. Em 1921, após participar das ocupações de fábricas, avizinhou-se às posições de extrema esquerda do PSI sustentadas por Amadeo Bordiga e entrou no Partido comunista da Itália, do qual *L’Ordine Nuovo*, transformado em jornal, tornou-se um dos organismos de difusão. Em maio de 1922, partiu para Moscou como delegado do PCI da Internacional comunista. Em julho, foi internado no hospital da capital russa, onde encontrou Giulia Schucht e iniciou um relacionamento. Posteriormente, em carta de 29 de março de 1924, escreveu a ela: “O teu amor tem me dado forças, tem feito de mim verdadeiramente um homem, ou pelo menos me fez entender o que seja um homem e possuir uma personalidade” (FIORI, 1994, p. 67). Em 1923, foi fundado o cotidiano *L’Unitá* que, segundo Gramsci,

[...] deverá ser um jornal de esquerda, da esquerda operária, permanecendo fiel ao programa e à tática da luta de classes, que publique as ações e as discussões do nosso partido, como fará possivelmente também com os atos e discussões dos anarquistas, dos republicanos, dos sindicalistas [...]. A polêmica será necessária, mas com espírito político, não de conflito e dentro de certos limites” (Carta ao Executivo do PCI, 12 de setembro de 1923 (GRAMSCI, 2011, p. 126).

Em seis de abril de 1924, Gramsci foi eleito deputado, retornando a Itália em 12 de maio e transferindo-se para Roma. Como ele mesmo disse: “habito numa pequena travessa

na Rua Nomentana, na casa de uma família que desconhece quem eu sou [...]. Passeio pela cidade para encontrar os companheiros que vivem clandestinamente para que a polícia não descubra”. No Parlamento guiou a delegação comunista que acompanhou o delito Mateotti.

Em agosto, nasceu o primeiro filho: Délio. Em carta à esposa Giulia, de 4 de agosto de 1924, Gramsci escreveu: “estou convencido que nosso bebê será belíssimo e ficará cada vez mais bonito, porque você é a mãe, mas penso que será também uma pessoa séria, um dia, mesmo que seja ainda jovem, será o líder da revolução em Madagascar, pois na Europa, Ásia e América já estará tudo feito” (FIORI, 1994, p. 86-87). Somente após um ano e meio Gramsci reviu Giulia e, pela primeira vez, Délio. Em agosto de 1926, nasceu o segundo filho, Giuliano, e, em 8 de novembro, Gramsci foi preso e levado ao cárcere Regina Coeli. Como ele mesmo escreveu: “16 dias de isolamento absoluto em cela, disciplina rigorosíssima”.

Na prisão, Gramsci escreveu a sua mãe tranquilizando-a e esclarecendo sobre o motivo de sua prisão.

Querida Mãe,

Tenho pensado muito em você nestes dias. Tenho pensado nas novas dores que tenho te causado, na tua idade e depois de tudo o que já sofreu. Espero que seja forte, apesar de tudo, como sou forte eu e que me perdoe com toda a ternura do teu imenso amor e de tua bondade. Saber que estás forte e paciente no sofrimento é um motivo de força também para mim: pense sobre isso... Eu estou tranquilo e sereno. Moralmente estava preparado para tudo. Procurarei superar também fisicamente as dificuldades que possam vir e de permanecer em equilíbrio. Você conhece o meu caráter e sabes que no fundo há sempre um pouco de alegria e humorismo: isso me ajudara a viver [...]. Tranquelize a todos: diga a todos que não devem envergonhar-se de mim e devem ser superiores a estreita e mesquinha moralidade das vilas. Diga a Carlos que especialmente ele agora terá o dever de pensar em você, de ser sério e trabalhador. Grazietta e Teresina devem ser fortes e serenas, especialmente Teresina, se terá outro filho como me escrevera. Também deverá ser forte o pai. Queridos todos, neste momento me dói o coração pensar não tenho sido sempre bom e afetuoso como deveria ter sido e como mereciam. Queiram-me sempre bem assim mesmo e lembrem-se de mim. Beijo a todos. E a você, querida mãe, um abraço e uma infinidade de beijos. Nino (FIORI, 1994, p. 142).

Em 4 de junho de 1928, Gramsci foi processado em Roma e condenado a vinte anos de reclusão. Em fevereiro de 1929, iniciou a escrita dos Cadernos.

Quando do processo que condenou Gramsci a prisão, o promotor teria dito `é preciso fazer com que esse cérebro deixe de funcionar por 20 anos`. Os

Cadernos do cárcere revelam que – para o bem da cultura universal – isso felizmente não ocorreu. Mas o fato é que as duras condições do cárcere fascista terminaram por minar definitivamente as resistências físicas de Gramsci. Somente o “otimismo da vontade que ele sempre propugnou permitiu-lhe, em tão difíceis condições, legar aos pósteros uma obra certamente für ewig, formada pelos 29 cadernos escritos entre fevereiro de 1929 e meados de 1935 (GRAMSCI, 1999, p. 19).

Gramsci causou muita indignação às elites de sua época ao mesmo tempo que deixou uma incalculável contribuição à cultura, à política, à filosofia, instrumentalizando assim as lutas sociais e políticas daquele que desejaram e desejam transformar a realidade imposta pela lógica do capital. Para conhecimento dos embates políticos da época em que Gramsci cresceu e militou, é de fundamental importância a leitura do texto, *Clivagens da relação entre política e educação na Itália: o debate de Antonio Gramsci*, de Daniela Mussi, publicado na obra *Filosofia, política e educação: leituras de Antonio Gramsci*, de autoria de Anita Helena Schlesener et al., publicado pela editora da UTP, Curitiba, PR (SCHLESENER et al., 2014).

A Obra de Antonio Gramsci

Desde o início da prisão, Gramsci mantinha correspondência com amigos e familiares por meio de cartas as quais eram encaminhadas à cunhada Tatiana, que residia em Roma. Somente a partir de 1929, é que Gramsci recebeu autorização para obter na cela material para escrever. De 08 de Fevereiro de 1929 até abril de 1935, Gramsci escreveu 33 cadernos escolares. Os primeiros foram inteiramente preenchidos. Os mais tardios contêm várias partes em branco. Gramsci podia manter em sua cela no máximo três cadernos de cada vez. Quatro dos cadernos escritos foram de exercícios de tradução de obras em alemão de Marx, De Goethe e dos irmãos Grimm. Esses cadernos não foram publicados na edição Italiana de Gerratana e, conseqüentemente, também não foram traduzidos para o português.

Os escritos de Antonio Gramsci foram publicados em diferentes formas de organização na Itália e no mundo. Em geral, a obra é dividida em *Escritos Políticos*, título dado ao conjunto de textos publicados em jornais desde o início de sua militância política e anteriores a sua prisão; *Cartas* (anteriores a prisão) e *Cartas do Cárcere* (correspondências enviadas a familiares e amigos no período em que esteve na prisão); e *Cadernos do Cárcere* (escritos sobre diversos temas em cadernos que recebia para escrever no período que esteve preso).

Os escritos políticos, com exceção de alguns textos, foram publicados no Brasil. As *Cartas do Cárcere* e *Cadernos do Cárcere* também foram publicados no Brasil.

Os 29 cadernos, de autoria do próprio Gramsci, foram organizados por Gerratana numa ordem cronológica provavelmente diferente da que Tatiana havia feito de forma aleatória.

Gerratana observa a sua própria datação dos cadernos que é em alguns casos, problemática: Gramsci escrevia em diferentes cadernos ao mesmo tempo, o que torna praticamente impossível estabelecer a ordem cronológica de suas várias notas, já que essa ordem nem sempre coincide com a ordem material com que as notas se sucedem nos cadernos (GRAMSCI, 1999, p. 11).

Gramsci escreveu numa letra miúda 33 cadernos. Além das traduções que exercitava, ele escrevia notas sobre diversos assuntos. Muitas vezes reescrevia um mesmo texto com algumas modificações.

A grande dificuldade, por isso, sempre foi estabelecer a ordem cronológica em que produziu suas notas, porque, muitas vezes, ele trabalhava com mais de um caderno numa mesma época. Diante desta dificuldade, Palmiro Togliatti preferiu publicar, logo depois da guerra, as notas do cárcere em torno de grandes temas. A chamada “edição temática” (ou “edição Togliatti”) foi feita em seis volumes, com a colaboração de Felice Platone, e provocou grande impacto na Itália (SECCO, 2002, p. 34).

Na edição de Valentino Gerratana, os cadernos são designados e datados como A (1929), B (1929-1931), C (1929-1931) D (1932). Segundo indicações do próprio Gramsci, eles foram organizados em: Cadernos “Misselaneos” - apontamentos sobre vários assuntos - 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 14, 15 e 17. Somente os cadernos 1, 2, 17 receberam título dado por Gramsci, “Cadernos Especiais” - apontamentos sobre assuntos específicos - 10, 11, 12, 13, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29. Com exceção dos Cadernos 11 e 19, todos receberam títulos dados por Gramsci.

Os títulos apresentados entre colchetes são aqueles dados por Gerratana e também mantidos na edição brasileira. Além da organização dos Cadernos, Gerratana propôs também uma organização das notas em A, B e C. Os textos A são aqueles que Gramsci redigiu nos cadernos “misselaneos” e depois retomou ou reagrupou, literalmente ou com modificações, maiores ou menores, em textos C, todos eles – com a exceção de três notas presentes no caderno 14 – contidos nos “cadernos especiais”; os textos B, por sua vez, são aqueles de

redação única, que aparecem sobretudo nos cadernos “misselaneos”, mas também em um número menor de casos, em alguns “cadernos especiais” (GRAMSCI, 1999, p. 12).

Conforme solicitação de Gramsci, os Cadernos foram enviados por Tatiana à esposa em Moscou, que os recebera em julho de 1938. Após várias tratativas entre os amigos de Gramsci, integrantes do PCI e da família de Gramsci, as obras foram publicadas.

Somente em 30 de abril de 1944, foi publicado um artigo no Jornal Unitá, de Nápoles, com o título: *A herança literária de Gramsci*, provavelmente escrito por Togliatti. Tentativas de publicação da obra foram retardadas devido à ocupação nazista no Norte da Itália. Em 1947, foram publicadas *Lettere dal Calcere*, Einaudi.

Depois de consultar vários especialistas e de responsabilizar Felice Platone pelo cuidado direto da edição, Togliatti tomou uma importante decisão: a de publicar os apontamentos carcerários gramscianos, não na ordem em que eles haviam sido redigidos, mas sim, agrupando-os por temas, os quais, de resto, como já vimos, haviam sido de certo modo sugeridos pelo próprio Gramsci. Dessa decisão, resultaram seis volumes temáticos, com títulos dados pelos editores anônimos (Togliatti e Platone), ou seja: *O materialismo histórico e a filosofia de Benedetto Croce* (1948); *Os intelectuais e a organização da cultura* (1949); *O Risorgimento* (1949) *Notas sobre Maquiavel, a política e o Estado moderno* (1949); *Literatura e vida nacional* (1950) e *Passado e presente* (1951) (GRAMSCI, 1999, p. 25).

Vários estudiosos da obra de Gramsci alertam para a necessidade de uma nova edição da obra. “Essa exigência já se manifesta no primeiro grande simpósio de estudos gramscianos, realizado em Roma, entre 11 e 13 de janeiro de 1958, sob o patrocínio do Instituto Gramsci, criado nos anos 1950, pelo PCI (GRAMSCI, 1999, p. 28). Somente em 1975, Giulio Einaudi publicou a “Edição Crítica” dos *Cadernos do Cárcere*, segundo critérios de pesquisa filológica que determinaram a ordem de redação dos textos e, por isto, a evolução do pensamento gramsciano”. A coleção foi composta por quatro volumes, sendo três contendo os 29 cadernos de Gramsci e um quarto volume.

[...] nele encontramos as indicações das fontes que Gramsci utilizou, para redigir seus apontamentos, informações sobre fatos e autores que ele cita, um cuidadoso e detalhado índice analítico e onomástico etc. além de uma utilíssima tabua de correspondências entre a antiga edição temática e a nova edição crítica (GRAMSCI, 1999, p. 28).

Atualmente está em andamento uma nova edição, a chamada edição nacional da obra de Gramsci para incluir os cadernos de traduções e escritos que possam ter sido deixados de fora nas edições anteriores. No Brasil, a divulgação da obra de Gramsci se deu por meio de um movimento cultural proveniente da Argentina. “Estranhamente, não foi por meio do Partido Comunista Brasileiro”. O nome dele já era conhecido no Brasil devido à publicação dos socialistas no jornal “A Defesa”, que divulgou, em 1927, o processo de condenação de Gramsci na Itália. Foi a partir dos anos 1960, que o pensamento e a obra de Gramsci passaram a circular no Brasil com maior divulgação e diferentes abordagens temáticas (BIANCHI, 2011, p. 131).

Sobre a difusão do pensamento gramsciano no Brasil, tomamos como referência o texto de Alvaro Bianchi com o título: *Gramsci in Brasile*, publicado na coletânea *Studi gramsciani nel mondo*, pelo Instituto Gramsci de Roma. As referências do pensamento de Gramsci no Brasil decorrem do movimento antifascista e tiveram maior circulação após a publicação do livro de Romain Roland, em 1934, *Os que morreram nas prisões de Mussolini*.

Após a Segunda Guerra Mundial, as referências a Gramsci foram sendo mais frequentes nas publicações do Partido Comunista. “Sua condição de militante antifascista, vítima de Mussolini, motivava a maior parte das referências, mas como se pode ver no artigo de Jacob Gorender de 1945, no qual defendia a participação dos comunistas italianos no governo de Ivano Bononi por “combater” no seu interior as manobras fascistas sobreviventes”. No artigo, Gramsci vinha apresentado como o fundador do Partido Comunista Italiano e o primeiro bolchevique de sua pátria, também o precursor da política de alianças do PCI no pós-Guerra.

Logo após a publicação de *Cadernos do Cárcere*, na Argentina, o pensamento de Gramsci foi difundido no Brasil por meio de referências feitas pelos intelectuais ligados ao Partido Comunista Brasileiro. Periódicos como Revista Brasiliense, dirigida por Caio Prado Jr. no final dos anos cinquenta, passaram a publicar as ideias de Gramsci. Na mesma revista, Elias Chaves Neto utilizava as ideias de Gramsci na sua análise da política, provavelmente influenciado pelo argentino Hector Agosti.

No início dos anos sessenta, Antonio Candido, Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder também fizeram referência ao pensamento de Antonio Gramsci. Ainda em 1962, foi publicado na Revista Brasiliense, em artigo de Michel Löwy, que fazia referência ao

pensamento de Gramsci na análise de problemas políticos. Também pensadores católicos levaram a admirar o pensamento de Gramsci. O Austríaco Otto Maria Carpeaux, exilado político, publicou, em 1966, na Revista Civilização Brasileira, na qual Gramsci era apresentado como “um santo martirizado do qual o espírito seria ressuscitado após sua morte”. Ainda em 1966, Leandro Konder dedicou a Gramsci um capítulo do seu livro *Os marxistas e a Arte*.

Em 1966, foi publicado o primeiro volume de Cartas do Cárcere e, em seguida, a versão portuguesa de *O materialismo histórico e a filosofia*, de Benedetto Croce, publicada no Brasil com o título “concepção dialética da história”. Em 1968, foi publicado *Literatura e Vida Nacional e Maquiavel, A Política e o Estado Moderno*, e ainda *Os Intelectuais e a Organização da cultura*. Não foram publicados outros dois volumes da edição temática dos cadernos: *Passado e Presente e Risorgimento*.

A primeira difusão do pensamento de Gramsci no Brasil era muito influenciada pela modalidade de difusão na Itália e punha ênfase nos aspectos filosóficos e culturais. A publicação do último volume coincidiu com a promulgação do Ato Institucional Nº. 5 que implicou numa censura rigorosa ao debate político. Distante dos partidos políticos e dos movimentos sociais, foi na universidade, principalmente nos cursos de ciências sociais que o pensamento de Gramsci ocupou espaço. Em 1967, Fernando Henrique Cardoso publicou, na Revista Tempos Modernos, o artigo *Hegemonia Burguesa e Independência Econômica* que, mesmo não citando Gramsci, inspirava-se nos seus escritos. Em artigos de 1969 e nos anos de 1970, Cardoso citou Gramsci explicitamente.

Inúmeros trabalhos acadêmicos foram publicados a partir dos anos 1970 na Universidade de São Paulo, como os trabalhos de Oliveiros Ferreira, Francisco Wefort, Luiz Werneck Viana. Segue-se a esses uma vasta produção de Carlos Nelson Coutinho e de outros estudiosos como a professora Maria Andrea Rois, da PUC/SP, que, ao lado de outros docentes, utilizaram o pensamento gramsciano em suas pesquisas. Ainda na PUC/SP, o professor Dermeval Saviani desenvolveu estudos na área da educação, no final dos anos de 1970. Também na Unicamp Estudos gramscianos foram desenvolvidos no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Entre os pesquisadores, destacam-se Edmundo Fernandes Dias e, em 1982, Michel Debrun, o qual defendeu a tese de livre docência sobre a filosofia da Praxis.

Oltre a Dias e a Debrun, é importante menzionare il notevole numero di professori e ricercatori dell'Unicamp che utilizzarano il pensiero di Gramsci in modi diversi e creativi nelle loro ricerche: Evelina dagnino, Octavio Ianni, Renato Ortiz, Caio Navarro de Toledo, Edgar de Decca, Sebastiao Velasco e cruz, walquiria Leao Rego e Angela Araujo (BIANCHI apud KANOUSI et al. 2011, p. 140).

Para Dermeval Saviani,

[...] a difusão da obra de Gramsci no Brasil se deveu a um amplo e ambicioso projeto de iniciativa de Carlos Nelson Coutinho em parceria com Leandro Conder, materializada pela Editora Civilização Brasileira, do Rio de Janeiro, com a publicação em 1966 de *Concepção Dialética da História e Cartas do Cárcere*, seguidas em 1968, de *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno; Os Intelectuais e a Organização da Cultura; e Literatura e Vida Nacional* (SAVIANI, 2014, p. 137).

Uma grande contribuição à difusão do pensamento de Gramsci, no Brasil, se deu a partir dos anos 1999-2002, com a publicação da coletânea de *Cadernos do Cárcere, Escritos Políticos e Cartas do Cárcere* pela editora Civilização Brasileira e sob coordenação de Carlos Nelson Coutinho.

Aos que desejam conhecer o pensamento de Gramsci, a importância deste para a educação e como o pensamento do filósofo italiano foi utilizado para estudos na área da educação no Brasil, indicamos como indispensável a leitura do texto de Dermeval Saviani: *Gramsci e a educação no Brasil: para uma teoria gramsciana da educação e da escola*, publicado na obra *Filosofia, Política e educação: leituras de Antonio Gramsci* de autoria de Anita Helena Schlesener *et al.*, publicado pela editora da UTP, Curitiba, PR.

Política e Educação na Obra de Antonio Gramsci

Em primeiro lugar, é necessário registrar que há muita coisa escrita sobre o pensamento político e educacional de Antonio Gramsci. Entre a vasta publicação, é importante registrar a contribuição do filósofo e educador Dermeval Saviani que, no esforço de elaborar uma teoria pedagógica alicerçada no pensamento marxiano, tem tomado como um dos pilares o pensamento de Gramsci.

É importante lembrar ainda que o texto resulta das reflexões feitas por ocasião do curso que ministramos acerca do pensamento político e educacional de Antonio Gramsci. Na

ocasião, iniciamos o Curso com um vídeo veiculado pelo *YouTube* que transmite uma aula ministrada a sacerdotes formadores de seminaristas, pelo padre Paulo Ricardo de Azevedo Jr. No *YouTube*, o vídeo aparece com a subscrição: “como emburrecer alunos seguindo a técnica de Antonio Gramsci”.

No vídeo, Paulo Ricardo faz referência à pedagogia da espontaneidade e à ridicularização da educação escolar, bem como atribui a responsabilidade aos educadores que utilizariam a teoria gramsciana para fundamentar tal prática. Desse modo, o pesquisador afirma: “vou ensinar a vocês como serem bons gramscianos. Quem aqui for formador de seminário aprenda como perverter um seminarista”. Continua o vídeo dando vários exemplos de banalização do ensino, espontaneísmo pedagógico, irresponsabilidade etc. Algo inimaginável que possa ser dito por alguém que, embora possa discordar do pensamento de Gramsci, chegue a ponto de cometer tantos lapsos.

Nos parece que a crítica a Gramsci feita por Ricardo se fundamenta mais no preconceito e na ignorância em relação à teoria gramsciana do que propriamente na teoria de Gramsci. O que se constata ao ler a obra de Gramsci é exatamente o contrário. Diz Gramsci:

Investigar a origem histórica exata de alguns princípios da pedagogia moderna: a escola ativa, ou seja, a colaboração amigável entre professor e aluno; a escola ao ar livre: a necessidade de deixar livre, sob a vigilância, mas não sob o controle evidente do professor, o desenvolvimento das faculdades espontâneas do estudante. A Suíça deu uma grande contribuição à pedagogia moderna (Pestalozzi, etc.), graças a contribuição genebrina de Rousseau; na realidade, esta pedagogia é uma forma confusa de filosofia ligada a uma série de regras empíricas. Não se levou em conta que as ideias de Rousseau são uma violenta reação contra a escola e os métodos pedagógicos dos jesuítas e, enquanto tal, representam um progresso: mas, posteriormente, formou-se uma espécie de igreja, que paralisou os estudos pedagógicos e deu lugar a curiosas involuções (nas doutrinas de Gentile e do Lombardo-Radice). A “espontaneidade” é uma dessas “involuções”: quase chega-se a imaginar que o cérebro do menino é um novelo que o professor ajuda a desenrolar. Na verdade, toda geração educa a nova geração, isto é, forma-a; e a educação é uma luta contra os instintos ligados as funções biológicas elementares, uma luta contra a natureza, a fim de dominá-la e de criar o homem “atual” à sua época. Não se leva em conta que o menino, desde quando começa a “ver e a tocar”, talvez poucos dias depois do nascimento, acumula sensações e imagens, que se multiplicam e se tornam complexas com o aprendizado da linguagem. A “espontaneidade”, se analisada, torna-se cada vez mais problemática. De resto, a “escola” (isto é, a atividade educativa direta) é somente uma função da vida do aluno, o qual entra em contato tanto com a sociedade humana tanto com a *societas*

rerum, formando-se critérios a partir dessas fontes “extraescolares” muito mais importantes do que habitualmente se crê. A escola única, intelectual e manual, tem ainda esta vantagem: a de colocar o menino em contato, ao mesmo tempo, com a história humana e com a história das “coisas”, sob o controle do professor (GRAMSCI, 2000a, p. 61-62).

A citação é um tanto longa, mas expressa a negativa da afirmação de Ricardo de que a suposta “pedagogia gramsciana” é a responsável pela banalização da educação escolar. Ademais, no conjunto da obra, Gramsci se refere sempre à educação como ato político de formação humana para a autonomia. É uma ação “molecular” - para citar um conceito do próprio Gramsci - para construir uma consciência do mundo, uma autonomia política e moral. Ao que parece, a crítica ignara e iracunda do sacerdote não tem esse mesmo compromisso e, tampouco, condiz com a compromisso que o sacerdócio lhe cobraria.

O que citamos acima serve tão somente para demonstrar como a ofensiva conservadora age para desconstruir a crítica, o pensamento que busca uma leitura transformadora da realidade atual. Na obra de Gramsci, há referências à educação nas Cartas, nos Escritos Políticos e nos Cadernos do Cárcere. Nas Cartas e nos Cadernos do Cárcere, sobretudo no caderno 12, há referências mais contundentes a questões referentes à educação. Como o texto em questão se destina a iniciantes, entendemos ser importante indicar um resumo das passagens em que Gramsci se refere à educação, tomando como base o conceito de educação do Dicionário do Pensamento Gramsciano.

Segundo o Dicionário, as referências à obra de Gramsci correspondem a: Q (edição italiana de *Cadernos do Cárcere*); LC (edição italiana de *Cartas do Cárcere*); CC (*Cadernos do Cárcere* edição brasileira) e *Cartas* (edição brasileira de *Cartas do Cárcere*). Conforme o Dicionário,

Gramsci começa a desenvolver sua reflexão sobre educação a partir dos problemas esboçados no Q1, mas são sobretudo as correspondências epistolares com seus familiares que lhe fornecem o material pedagógico para o desenvolvimento de suas argumentações. Repetidas vezes, as Cartas contêm a primeira sugestão e a primeira redação de pensamentos que reaparecerão de forma mais estendida e meditada nos Q. Nelas o raciocínio, desde o início, diz respeito a maior ou menor utilidade da coerção (LIGUORI; VOZA, 2017, p. 231).

A educação é um ato político. Esse é o ponto de partida para Gramsci. Esse ato político consiste na formação intelectual e moral do homem que, vivendo numa sociedade de classes,

tem que lutar constantemente contra a elaboração falsa de uma certa consciência do mundo.

Daí afirmar que o homem ativo de massa

[...] atua praticamente, mas não tem uma clara consciência teórica desta sua ação, a qual, não obstante, é um conhecimento do mundo na medida em que o transforma. Pode ocorrer, aliás, que sua consciência teórica esteja historicamente em contradição com o seu agir (GRAMSCI, 1999, p. 103).

Na perspectiva de formação crítica do homem histórico, Gramsci aborda a problemática da formação da consciência pelos grupos históricos a que cada indivíduo pertence. É sempre preocupação do filósofo italiano a reorganização do pensamento para superar a contradição entre o real e o aparente, entre o antigo e o novo, entre o atual e o bizarro. Essa luta histórica do homem para superar a visão distorcida da realidade constitui para Gramsci uma luta por hegemonia. Nesse sentido, “a compreensão crítica de si mesmo é obtida, portanto, por meio de uma luta de ‘hegemonias’ políticas, de direções contrastantes, primeiro no campo da ética, depois no da política, atingindo, finalmente, uma elaboração superior da própria concepção do real”. Conclui dizendo que “a consciência de fazer parte de uma determinada força hegemônica - isto é, a consciência política - é a primeira fase de uma ulterior e progressiva autoconsciência, na qual teoria e prática finalmente se unificam” (GRAMSCI, 1999, p. 103).

Se nos referirmos ao papel político de todas as instituições, temos que a escola desenvolve uma função política por excelência, qual seja, a de formar politicamente o homem para a autonomia intelectual e moral. Em geral, as escolas executam programas escolares desconexos com as diferentes culturas e com as contradições do cotidiano que se chocam com a “cultura fossilizada e anacrônica”. Daí afirmar que

[...] não existe unidade entre escola e vida e, por isso, não existe unidade entre instrução e educação. Por isso, pode-se dizer que, na escola, o nexó instrução-educação somente pode ser representado pelo trabalho vivo do professor, na medida que o professor é consciente dos contrastes entre o tipo de sociedade e de cultura representado pelos alunos; e é também consciente de sua tarefa, que consiste em acelerar e disciplinar a formação da criança conforme o tipo superior em luta com o tipo inferior” (GRAMSCI, 2000a, p. 44).

Na filosofia de Gramsci, o ato político é sempre precedente de qualquer outro ato. Desse modo, a cultura, a educação, a organização da escola, o modo de ver o mundo, de

interpretar a realidade, é sempre resultante e motivador de ações políticas. Desse modo, já no início da escrita dos *Cadernos*, Gramsci afirma que “é preciso destruir o preconceito, muito difundido, de que a filosofia é algo muito difícil pelo fato de ser a atividade intelectual própria de uma determinada categoria de cientistas especializados ou de filósofos profissionais e sistemáticos”. Sua preocupação é com a difusão de uma forma de pensar criticamente a realidade por todos os homens independente da condição social. Por isso continua afirmando: “é preciso, portanto, demonstrar preliminarmente que todos os homens são ‘filósofos’, definindo os limites e as características dessa ‘filosofia espontânea’, peculiar a ‘todo mundo’, isto é, da filosofia que está contida” e aí se refere ao folclore, à linguagem, ao senso comum, à religião. E segue afirmando,

Após demonstrar que todos são filósofos, ainda que ao seu modo, inconscientemente [...], passa-se ao segundo momento, ao momento da crítica e da consciência, ou seja, ao seguinte problema: é preferível “pensar” sem disto ter consciência crítica, de uma maneira desregrada e ocasional, isto é, “participar de uma concepção de mundo “imposta” mecanicamente pelo ambiente externo, ou seja, por um dos muitos grupos sociais nos quais todos estão automaticamente envolvidos desde sua entrada no mundo consciente [...], ou é preferível elaborar a própria concepção do mundo de uma maneira consciente e crítica, e, portanto, em ligação com este trabalho do próprio cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não mais aceitar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade” (GRAMSCI, 1999, p. 94).

Poderíamos prosseguir com a vasta argumentação de Gramsci sobre a questão da cultura, da educação, da formação política sempre com vistas a construir uma hegemonia contrária à da classe dominante que sustenta o *status quo* e a ordem burguesa. Contudo, como já demonstrado acima, o texto tem caráter introdutório e, portanto, nos limitamos ao que foi exposto até o momento.

Conclusão

O texto demonstra que o curso ministrado possibilitou um contato com docentes e pesquisadores da área da Educação de modo a ampliar o conhecimento teórico e a difusão do pensamento do filósofo Antonio Gramsci. Durante o curso, foi possível conhecer dados

importantes acerca do contexto político e econômico da Itália do período da unificação e do contexto em que Gramsci viveu como militante político e intelectual. Também foi possível conhecer o conjunto da obra, sua organização e como foi publicada na Itália e no Brasil. Também possibilitou a análise de como a obra de Gramsci foi incorporada na pesquisa acadêmica no Brasil e a relação de sua teoria com a política e a educação.

O estudo da vida e obra de Antonio Gramsci nos possibilita verificar a materialidade de seu pensamento. Sua teoria não é fruto de especulações teóricas imaginárias. Gramsci escreve e pensou questões relevantes do contexto político e econômico no qual viveu, estudou e agiu como militante político. Da sua *práxis* social, elaborou a crítica contundente às estruturas sociais dominantes de sua época e apontou caminhos. A leitura da obra de Gramsci oferece um referencial teórico ímpar para análise da organização e funcionamento do Estado, das políticas sociais e educacionais do nosso tempo.

Como afirmamos anteriormente, na filosofia de Gramsci, o ato político é sempre precedente de qualquer outro ato. Por isso, a cultura, a educação, a organização da escola, o modo de ver o mundo, de interpretar a realidade, é sempre resultante e motivador de ações políticas. Daí ser a educação um ato político. Esse é o ponto de partida para Gramsci. Esse ato político consiste na formação intelectual e moral do homem que, vivendo numa sociedade de classes, tem que lutar constantemente contra a elaboração falsa de uma certa consciência do mundo.

A atualidade do pensamento de Gramsci nos remete a afirmar, ao contrário da suposta neutralidade da educação apregoada pela ideologia liberal, que a educação é sempre partidária. É partidária porque adequada à sociedade de classes, porque não é para todos e, aos que têm acesso, não é igualitária. Ela é dirigida de forma diferente a homens, mulheres, negros, indígenas, brancos, ricos e tem formação, organização, currículo, foco distintos para a elite e para os trabalhadores. É sim, PARTIDÁRIA.

Referências

ANGLANI, B. **Solitudine di Gramsci**. Política e poetica del carcere. Roma: Donzelli Editore, 2007.

BIANCHI, A. Gramsci in Brasile. In: KANOUSI, D.; SCHIRU, G.; VACCA, G. **Studo gramscisni nel**

- mondo:** Gramsci in américa Latina. Bologna, It.: Il Mulino, 2011.
- CARTIGLIA, C. **La storia dal XIII secolo a oggi**. Torino: Loescher Editore, 1985.
- FIORI, G. **Antonio Gramsci**. Vita attraverso Le lettere. Torino: Einaudi, 1994.
- _____. **Vita di Antonio Gramsci**. Bari: Editori La Terza, 2008.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- _____. **Cadernos do cárcere**. V. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- _____. **Epistolário**. V. 2, gennaio-novembre 1923. Roma: Instituto Della Enciclopédia Italiana, 2011.
- KANOUSI, D.; SCHIRU, G.; VACCA, G. **Studo gramscisni nel mondo:** Gramsci in américa Latina. Bologna, It.: Il Mulino, 2011.
- LIGUORI, G.; VOZA, P. (Orgs.). **Dicionário Gramsciano**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.
- ROSSI, P. **Storia d'Italia dal 1815 al 1914**. Milano: U. Mursia & C., 1972.
- SABBATUCCI, G.; VIDOTTO, V. **Il mondo contemporaneo dal 1848 a oggi**. Roma-Bari: GLF Editori Laterza, 2011.
- SCHLESENER, A. H. **Filosofia, política e educação:** leituras de Antonio Gramsci. Curitiba, PR: UTP, 2014.
- SAVIANI, D. Gramsci e a educação no Brasil: para uma teoria gramsciana da educação e da escola. In: SCHLESENER, A. H. **Filosofia, política e educação:** leituras de Antonio Gramsci. Curitiba, PR: UTP, 2014. Disponível em: <http://igsbrasil.org/biblioteca/artigos/material/1447190212-Demerval_Saviani.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2018.
- SECCO, L. **Gramsci e o Brasil:** recepção e difusão de suas ideias. São Paulo: Cortez, 2002.

Recebido em: 27/06/2018
Aprovado em: 24/08/2018